

QUÉTEL, Claude. **As mulheres na guerra, 1939-1945**. Trad. Ciro Mioranza. São Paulo: Larrouse do Brasil, 2009, 248 p.

Andreza S. C. MAYNARD*

Freqüentemente a palavra guerra nos remete a imagens masculinas. Em grande parte a produção acadêmica ajudou a construir esta memória sobre os conflitos mundiais. No entanto, investigações recentes têm atentado para o lugar ocupado pelas mulheres durante a guerra. Exemplo disso é o livro *As mulheres na guerra, 1939-1945* publicado em 2009 pela editora Larrouse do Brasil.

A obra escrita pelo historiador francês Claude Quéstel, enfoca justamente as experiências femininas em torno da Segunda Guerra Mundial. O autor que também é especialista em psichistória possui 23 livros publicados em seu país de origem. Parte de sua produção foi destinada ao estudo da história francesa, à história da loucura e da psiquiatria, e ainda à história do século XX e da Segunda Guerra. Títulos como *1945* (1994), *La Seconde Guerre mondiale* (2003), *Capa, l'œil du 6 juin* (2003), *Larousse de la Seconde Guerre mondiale* (2004), *Femmes dans la guerre, 1939-1945* (2004, réed. 2006), *Le petit livre de la Seconde Guerre mondiale* (2010) e *Le petit livre de l'histoire du 20e siècle* (2010) evidenciam a intimidade de Quéstel com a temática.

Femmes dans la guerre foi traduzido para o português por Ciro Mioranza. O livro conta com 248 páginas e é ricamente ilustrado. São 206 imagens de época distribuídas nas quatro partes em que se divide a obra: “Tormenta”, “Esforço de guerra”, “Combates” e “Terminou”. As ilustrações são fotografias em preto e branco, de boa qualidade e acompanhadas por uma legenda explicando de que se trata, qual o local e a data do registro.

Nessas fotografias as mulheres perambulam em meio às ruínas de uma cidade, cuidam de bebês, trabalham em fábricas e enfermarias, operam máquinas, manuseiam armas de fogo, ao mesmo tempo em que aparecem em editoriais e moda, passeando numa praia e dançando num palco. Entretanto algumas imagens são chocantes, como corpos dilacerados, inclusive de mulheres e crianças. Porém, o autor não analisa as imagens. Elas são utilizadas apenas como ilustração.

* Doutoranda em História pela UNESP/Assis. São Paulo/Brasil. Bolsista CAPES. Integrante do GET/UFS. E-mail: andreza_sacruz@hotmail.com

Além de apresentar experiências vivenciadas por mulheres europeias, orientais e norte-americanas, Quétel traz também sínteses biográficas de mulheres que se destacaram entre 1939 e 1945. Assim, são citados nomes conhecidos como os de Magda Goebbels (esposa de Joseph Goebbels, ministro da propaganda de Hitler), Marlene Dietrich e Vera Lynn (atrizes do cinema americano e alemão), Leni Riefenstahl (cineasta), mas a obra também menciona mulheres que nos soam pouco familiares como Zoia Kosmodemianskaia (franco atiradora russa que se tornou mártir em seu país) e Marie-Madeleine Fourcade (chefe da rede *Alliance* que trabalhou na resistência francesa).

Na primeira parte do livro intitulada “Tormenta”, o autor cita o modelo de mãe difundido pelo *Fuhrer* (na Alemanha), pelo *Duce* (na Itália) e pelo Marechal (na França). A mulher ideal seria aquela que concebesse mais filhos saudáveis para seus respectivos regimes. Nesse sentido, os regimes incentivavam o cuidado feminino com saúde e higiene, uma vez que corpos saudáveis seriam capazes de gerar mais filhos. Contudo, em meio à guerra essas mães cercadas por muitas crianças precisaram sair às ruas para reabastecer a casa com comida e roupas. O autor mostra como essas mulheres foram obrigadas a se lançar nas estradas, enquanto outras se adaptaram às ruínas de cidades bombardeadas. Nesse contexto, manter-se com vida era uma incógnita, pois não havia local seguro durante a guerra.

Quétel também descreve o cotidiano das mulheres nos campos de concentração. O autor não privilegia classes e menciona exemplos de detentas e funcionárias nazistas. Àquelas que sofreram com os desmandos do *Reich*, o autor dá voz, usando citações que revelam o sofrimento dos campos. Já ao apresentar Irma Greese, vigilante que se tornou conhecida pelas crueldades cometidas contra as judias presas, o autor a descreve com rispidez, cita-lhe alguns atos condenáveis e apelidos como “ anjo da morte” e “ a cadela de Auschwitz”.

Na parte seguinte “Esforço de guerra”, o autor apresenta a participação feminina no conflito. Embora os países, principalmente do eixo, se mostrassem reticentes em solicitar a ajuda das mulheres, isso se tornou um imperativo. Enquanto a Alemanha estava apreensiva em retirar suas mulheres do trabalho doméstico, a Grã-Bretanha não hesitou em solicitar o apoio feminino, como aliás já o fizera entre 1914 e 1918. As mulheres se tornam operárias e vão para as fábricas, guiam automóveis, aprendem a lavrar os campos, a operar as máquinas, a consertá-las e montá-las. Muitos serviços foram mantidos graças ao trabalho feminino, que assumiu funções desempenhadas anteriormente pelos homens. E a despeito de novos ofícios como a

assistente social e a correspondente ou a artista de guerra, antigas ocupações continuaram a exigir a presença feminina no escritório, na enfermaria e no bordel.

A utilização da propaganda política durante o conflito também exigiu a participação das mulheres. Rainhas e primeiras damas discursaram no rádio, procurando exortar e animar às demais. Dentre algumas mulheres que se destacaram, Quérel menciona, Magda Goebbels (chamada de 1ª dama do 3º *Reich* pelo autor) que teve sete filhos e ainda conservava sua beleza, servindo de inspiração às alemãs arianas. Outro exemplo é Marlene Dietrich, símbolo sexual da época, que apesar de alemã repudia o nazismo e muda-se para os Estados Unidos, onde atinge o estrelato nos filmes hollywoodianos. Um aspecto curioso apresentado pelo autor é a guinada que o cinema norte-americano e europeu deram a participação das mulheres nos filmes, acompanhando a tendência da sociedade. De forma geral as mulheres fatais foram convertidas em esposas e mães dedicadas, que não hesitaram em se engajar durante o esforço de guerra.

Mas as mulheres não ficarão apenas cuidando de suas cidades, elas foram para a frente de batalha. Em “Combates”, terceira parte do livro, o autor descreve a organização de corpos auxiliares dos exércitos. Na União Soviética a mobilização foi maçoça, pois a revolução bolchevique instituiu o princípio de igualdade para as mulheres. Mas a experiência foi diferente noutros países. Dessa forma a Finlândia, Grã-Bretanha, Canadá, Alemanha, França e Estados Unidos admitiram mulheres em suas tropas, porém temiam que a revolução nas instituições provocasse mudanças nos costumes.

Ainda assim a Grã-Bretanha, a primeira a reconhecer a necessidade de recrutar mulheres, chegou a ter 450 mil mulheres nas três armas. Mas as sociedades não mudam repentinamente, e Quérel revela a resistência dos homens e mulheres mais velhas, bem como a severidade dos códigos de conduta impostos às recrutas. A preocupação com a sexualidade era tema recorrente na formação dos pelotões femininos. Nos Estados Unidos enquanto os soldados recebiam preservativos, a mulher admitida às tropas assistia a um vídeo sobre a importância de permanecer virgem até o casamento.

Durante a guerra as mulheres continuaram a trabalhar como enfermeiras. No entanto Quérel chama atenção para o novo *ethos* que revestia essa ocupação. Em muitos lugares insistia-se no caráter militar e profissional da enfermagem contrastando com a imagem de “anjo de bondade” colado às enfermeiras da primeira guerra. Além disso, o autor menciona aquelas que foram para a frente de batalha sem uniforme, e

as que atuaram nos movimentos de resistência. Com isso Quéstel mostra que as mulheres participaram da guerra desempenhando todo tipo de atividade, inclusive as que eram consideradas tradicionalmente masculinas, mas sem esquecer de “keep smiling through”. Afinal de contas, o objetivo do autor era exibir a presença das mulheres em todos os lugares durante a Segunda Guerra.

Na última parte do livro, o autor traça um panorama das mulheres ao fim da guerra e a partir daí, as homenagens são direcionadas apenas aos homens. Quéstel lamenta que as mulheres festejem e esqueçam que também foram participantes nessa vitória. Ao mostrar o contexto da guerra a partir da experiência feminina, o autor não apenas dá visibilidade às mulheres, mas também apresenta o conflito sob a lógica das experiências do cotidiano. Ele procura escrever uma história democrática, apresentando mulheres importantes e simples, e suas impressões sobre a guerra.

Nesse sentido as idéias originais do autor procuram desfazer mitos envolvendo as mulheres e a guerra. Quéstel critica o desinteresse da História pela participação feminina nos conflitos armados, ao mesmo tempo em que discorda que as mulheres são frágeis e boas por natureza. Ele também chama atenção para a variação do lugar social ocupado pelas mulheres antes, durante e depois da guerra a partir de escolhas feitas por grupos liderados por homens. Assim a mesma mulher que deveria gerar filhos e cuidar da harmonia do lar, foi chamada para pilotar aviões durante a guerra e dispensada em 1945. O autor não esconde seu desconforto ao mencionar que as mulheres assumiram postos masculinos em meio à guerra, porém não obtiveram os mesmos direitos ao fim do conflito.

O livro *As mulheres na guerra, 1939-1945* destina-se aos estudantes e profissionais de história. Os relatos orais que permeiam o texto, conferem um toque de “verdade histórica” à obra, ao passo em que revelam a preocupação do autor em citar fontes primárias. A bibliografia consultada apresenta títulos norte-americanos e ingleses, mas é sobretudo francesa e conta com nomes conhecidos pelo público brasileiro como Georges Duby e Michelle Perrot. A escrita coerente e objetiva é um atrativo a mais, ao lado do acervo fotográfico, em parte inédito, para quem se interessa pela História do século XX.

Recebido em 27/09/2010

Aprovado em 4/10/2010